Vigésima oitava carta

> **Sumário.** Carta de Frederico. — O Ângelus na Alemanha. — Beleza do Ângelus. — Outrora regulava os hábitos da vida. — Desgraça e vergonha dos que não o dizem. — O que fazemos ao dizer o Ângelus. — Dizê-lo sem respeito humano. — Dizê-lo com amor. — Traços históricos.

9 de agosto.

Meu caro amigo

Tua carta chega-me neste instante. Os sentimentos que exprime alegram-me, sem espantar-me. Há muito conheço a pureza do teu coração e, por conseguinte, a tua inteligência do verdadeiro e o teu amor do bem. *«Bemaventurados os limpos de coração: porque elles verão a Deos»*: *Beati mundo corde, quoniam ipsi Deum videbunt.* Só as aves noturnas fogem da luz. Se o abandono do Ângelus por um número excessivo te causa amargos pesares, consolas-te um pouco ao saber que a venerável prática ainda se conserva em alguns cantos privilegiados da terra católica.

A esse respeito diriges-me uma queixa, ou mesmo uma censura, pela qual te agradeço. Na enumeração, ai!, curta demais das regiões onde o Ângelus permaneceu popular, esqueci várias províncias da tua Alemanha. Reclamas e ensinas-me que, mesmo na Prússia, devemos contar com muitos irmãos para quem o som do sino não é um som profano. Deus seja bendito!

Acrescentas:

> *É preciso ter, como eu, vivido nos países protestantes para sentir quanto o sino do Ângelus dá, sobretudo à tarde, um caráter de doce e melancólica poesia às regiões católicas. É assim que devemos à solicitude dos soberanos pontífices, hoje tratados tão indignamente na pessoa de seu imortal sucessor, o piedoso costume que, reunindo três vezes ao dia todos os fiéis da terra numa mesma oração, santifica a manhã, o meio-dia e a tarde de cada jornada.*

Falas de ouro, meu caro Frederico. Quanto a mim, morreria de alegria, ao passo que o incrédulo, como diz Bossuet, rebentaria de desespero, se soubesse que, três vezes ao dia, os cento e cinquenta milhões de católicos espalhados por todos os pontos do globo caem de joelhos e, ao som do mais majestoso instrumento de música, fazem subir à Rainha do céu a triunfal homenagem de

sua fé, de sua gratidão e de seu amor.

Ai de mim! Não morrerei dessa morte. Ao contrário, há de que definhar em pé ao ver essas multidões inumeráveis que já não rezam o Ângelus, que se envergonhariam de rezá-lo, que até já não lhe compreendem o sentido. Como anunciei, é da desgraça delas que devo falar-te em minha carta de hoje.

Outrora o Ângelus regulava os hábitos da vida, tanto nas cidades como nos campos. Nossos pais deitavam-se cedo e levantavam-se cedo. Em Paris, os numerosos ofícios estabelecidos às margens do Sena começavam a trabalhar logo depois do Ângelus de Notre-Dame. Nos campos, o vinhateiro e o lavrador levantavam-se ao som do Ângelus. Desatrelavam-se os bois, descia-se da vinha, deixava-se a oficina ao meio-dia e à tarde, ao som do Ângelus.

Assim, três vezes ao dia, um pensamento sobrenatural visitava o espírito do homem e uma bênção descia sobre o seu trabalho.

Como os tempos mudaram! Não falo dos quartéis, nem das oficinas, nem das usinas, nem das manufaturas, onde a venerável oração não é mais conhecida que na China. Acreditarias que há hoje certas paróquias vinícolas onde já não se toca o Ângelus? Em seu lugar, o sino põe-se em movimento às dez horas e às duas horas, para indicar o momento das refeições. Não é isso o mais grosseiro materialismo? E o materialismo, que degrada o homem ao nível do bruto, não é uma desgraça?

Num número infinito de outras paróquias, o sino bento chama em vão à oração. A indiferença, mas sobretudo o respeito humano, impede de dizer o Ângelus. É ainda uma desgraça e uma vergonha.

Uma desgraça. Quando se quer destruir uma árvore, desenraiza-se. Quereis perder um povo, uma paróquia, uma família? Fazei-lhe perder as suas tradições. Fareis dele um povo, uma paróquia, uma família sem raízes. É um navio sem lastro e sem bússola; é uma presa preparada para todos os charlatães; é uma folha seca que rola ao sabor dos ventos.

A Revolução bem o sabe. Por que a Europa de hoje é tão diferente da Europa cristã de outrora? Porque lhe tiraram as tradições, entregando-as ao desprezo. Envergonhou-se de seus pais, a infeliz!, e deixou-se verter num novo molde; vemos o que saiu dele.

Se, para um povo, o abandono de suas tradições sociais é grande desgraça, mais infeliz ainda é o abandono de suas tradições religiosas. Entre estas, uma das mais veneráveis, sem contradição, por sua antiguidade, por sua utilidade, é o Ângelus. Três vezes ao dia, a voz do sino chamava as bênçãos do céu, e a terra se inclinava para recebê-las. Fechar tal fonte de graças não é uma desgraça? Leproso da cabeça aos pés, o mundo atual crê poder curar-se sem o socorro do alto?

Uma vergonha. Envergonhar-se do mal é uma glória. Envergonhar-se do bem é uma vergonha e uma covardia. É a inversão satânica dos nobres instintos da natureza humana. Em nossos dias, essa estranha inversão é comum demais. Fazemos revoluções sobre revoluções para conquistar a liberdade, e tornamo-nos cada vez mais escravos. Por que, por exemplo, tantas pessoas cristãs, sobretudo nas cidades, não ousam dizer o Ângelus? Porque são escravas. De quem e de quê?

Vamos examiná-lo.

Disse cristãs; pois, para os que já não o são, as minhas palavras são hebraico. Em guerra com o seu divino Pai, os infelizes não sabem que têm uma Mãe no céu. Como a rezariam?

Assim, quanto ao Ângelus, como quanto ao Bendito da mesa e às Graças, ao Sinal da Cruz, à Água Benta, ao Terço e a outras práticas religiosas, os homens de hoje dividem-se em duas categorias. Uma que diz o Ângelus e outra que não o diz.

Os que não dizem o Ângelus são os protestantes, os incrédulos, os judeus, os maometanos, os idólatras, os selvagens, os antropófagos, aos quais é preciso acrescentar os ursos, os cães, os gatos, os crocodilos e outros bípedes e quadrúpedes.

Os que dizem o Ângelus são os verdadeiros católicos de todos os tempos e de todos os lugares, os maiores gênios, as almas mais elevadas e mais santas, isto é, a elite da humanidade.

Entre os dois campos não há meio-termo: é de toda necessidade pertencer a um ou a outro. Para todo homem de honra a escolha não pode ser duvidosa: nunca se deve misturar com a ralé, diz o conde de Maistre.

Aliás, que é o Ângelus, e vejamos se há vergonha em rezá-lo, mesmo em público. Pelo Ângelus saudamos a Rainha do céu e da terra, a Mãe de Deus e nossa; felicitamo-la por sua felicidade, proclamamos as suas glórias e, para fazê-lo mais dignamente, tomamos emprestadas as palavras de um arcanjo.

Desde quando é vergonhoso, para um filho bem-nascido, saudar a sua mãe, sobretudo se sua mãe é a mais perfeita das mães; louvá-la e alegrar-se com a sua felicidade, mesmo publicamente? Vergonha antes, e vergonha eterna, ao filho que se envergonhasse de fazê-lo.

Pelo Ângelus agradecemos a Deus os seus maiores benefícios, a Encarnação de seu Filho e a Redenção do gênero humano: incomparáveis mistérios a que o mundo deve tudo, a abolição da escravidão e dos sacrifícios humanos, a reabilitação da mulher e da criança, a civilização, a liberdade, a segurança, a superioridade intelectual e moral das nações cristãs sobre as que não o são.

Manifestar publicamente a sua gratidão por tantos benefícios é uma vergonha? Não está a vergonha em gozá-los sem erguer os olhos ao céu, como o animal que se nutre de bolotas sem olhar a mão que as faz cair!

Pelo Ângelus proclamamos a nossa dignidade, lembrando a nós mesmos, e lembrando aos que a esquecem, que a Rainha dos anjos é nossa irmã, o Criador dos mundos, nosso irmão; que somos os herdeiros de seu eterno reino; que o homem não está sobre esta terra só para nascer, sofrer, morrer e cair no nada; que a vida daqui debaixo não é a vida, mas que a vida começa onde parece terminar, pois a morte está grávida de imortalidade: *«a sua esperança está cheia de imortalidade»*: *immortalitate plena est.* Onde está a vergonha em professar essas grandes e consoladoras verdades?

Pelo Ângelus pedimos a Deus, nosso Pai, e a Maria, nossa Mãe, a sua assistência para a vida e para a morte. Que há de mais honroso que tal oração? Ela supõe o mais raro e o mais precioso de todos os conhecimentos, o conhecimento íntimo de nós mesmos, de nossas fraquezas, de nossas necessidades, das terríveis lutas da vida e das mais terríveis lutas da morte.

Se a vergonha está aqui, é para o mendigo orgulhoso, que Deus detesta e que os homens desprezam.[1] Tenha as mãos brancas ou as mãos negras, vista um traje de pano fino ou uma jaqueta de burel, esse mendigo orgulhoso é o homem que, crendo altivamente não ter necessidade de Deus, não reza ou chega a zombar dos que rezam. A ele a vergonha. Sepulcros branqueados, nós vos conhecemos, sabemos que podridão encerrais e, por pouco que se vos aproxime, que odor infecto exalais:

> *sois semelhantes aos sepulcros branqueados, que parecem por fóra fermosos aos homens, e por dentro estão cheios de ossos de mortos:*

Sepulcra dealbata plena ossibus mortuorum.

Pelo Ângelus obtemos, graças às indulgências que lhe são ligadas, o alívio e a libertação das almas do purgatório. Há sempre no purgatório almas que estão a ponto de ser libertadas. Umas ali estão só por um mês; outras por uma semana, por um dia, por uma hora. Que consolação pensar que, pelos cem dias e mais de indulgências ganhos cada vez que rezo o Ângelus, liberto uma ou até várias dessas almas sofredoras e lhes abro as portas da felicidade eterna!

Essas almas libertadas são talvez as de meu pai e minha mãe, de meus irmãos, de minhas irmãs, de meus benfeitores e de meus amigos. E eu me envergonharia de prestar-lhes o inapreciável serviço que solicitam com um ardor proporcionado a seus sofrimentos e que solicitam talvez há muito tempo!

Como vês, meu caro Frederico, a vergonha é para os que, por indiferença, por respeito humano ou por desprezo, não rezam o Ângelus, ao passo que a glória é para os que o rezam. Saibamos, pois, ser livres e não escravos. Aliás, façamos o que fizermos, nunca chegaremos a agradar a todo o mundo. Desagradaremos a uns pelo mesmo ponto por que julgávamos agradar a outros.

Não somos mais poderosos que o próprio Deus. Com uma palavra pôde criar o céu e a terra; mas, descido entre os homens, nunca pôde, apesar de seus milagres e benefícios, agradar a todos. Contentemo-nos em ter por nós o testemunho de nossa consciência e a aprovação dos homens de bem: o desprezo dos maus é uma glória.

Todo teu.

Notas

[1] *Odivit anima mea... Pauperem superbum.* (Eclo 25, 4.) — *Odibilis coram Deo est et hominibus superbia.* (*Id.*, 10, 7.)

Revision #1
Created 28 November 2026 13:47:36 by Admin
Updated 28 November 2026 13:47:37 by Admin